



articulador dos recursos a serem aportados ao sistema de ensino. Nessa perspectiva espera-se, especialmente dos alunos, de seus pais e dos educadores, uma atitude nova frente à escola pública.

A Escola-Padrão

Do resultado final do trabalho do Núcleo nasceu o desenho de uma nova escola. Uma escola que, em linhas gerais, nada deve ter de espetaculosa ou fora do comum, senão que ofereça a seus alunos um ensino de alta qualidade. De forma unânime os cem especialistas apontaram para a urgente necessidade de o Estado investir o melhor de suas energias materiais e humanas na concepção de um novo padrão de qualidade do serviço oferecido à população pela Escola Pública. A escola que a sociedade exige deve oferecer condições para que professores, diretores e funcionários possam desenvolver e elevar suas aptidões, através de mecanismos permanentes de capacitação e aperfeiçoamento. Deve estar instalada em uma rede física que assegure a dignidade mínima requerida por seu papel. Deve oferecer a seus docentes e administradores condições de trabalho e de remuneração compatíveis com a importância social de sua profissão. E, sobretudo, deve ter significativamente ampliada sua autonomia administrativa e pedagógica. Só uma escola com tais características terá condições de realizar em sua plenitude o papel que a sociedade lhe atribuiu, de educar e formar os cidadãos do Brasil de amanhã. É esta a escola que o Governo do Estado de São Paulo, em conjunto com a sociedade, se dispõe a construir gradativamente, ao longo dos próximos quatro anos. A ela decidiu-se dar o nome de "Escola-Padrão". E a palavra "padrão", aplicada à escola que queremos, tem o sentido oposto a "padronização". Ela deverá ser o reverso da escola uniforme, burocrática, rígida e anônima. O que todos estamos determinados a construir é um novo padrão de qualidade.

Ao contrário das experiências anteriores, não se propõe aqui iniciar a reforma pelo Gabinete da Secretaria, Coordenadorias, Divisões e Delegacias, para um dia chegar-se à escola. A escola não será mais apenas o pólo final de um gigantesco e pouco operante sistema centralizado e burocrático de planejamento e ação educacional. Ela passa a ser, a partir de agora, o núcleo e a base de um sistema de ensino capaz de dimensionar suas próprias necessidades, programar suas ações, demandar os suprimentos externos e aplicá-los. Na sua relação com a Secretaria, haverá uma inversão de mão. Esta, sem abdicar das responsabilidades estratégicas que lhe foram atribuídas pela sociedade, se reservará o papel de planejamento geral e controle, bem como o de difusor dos avanços alcançados em cada escola.

A Implantação

A estratégia de implantação adotada para o novo modelo de escola, aqui proposto, requer uma implementação gradual do conjunto de transformações necessárias. Inicialmente, se procederá à preparação das primeiras 300 escolas — aproximadamente 200 na Grande São Paulo e 100 no Interior do Estado para em seguida, durante o ano de 1992, iniciar a operação destas Escolas-Padrão, segundo seus conceitos e características.

A amostragem é significativa, na medida em que envolverá 720.000 alunos e 13.000 professores.

O estreito acompanhamento dos trabalhos nas escolas permitirá, durante o ano de 1992, avaliar os ganhos de desempenho que devem caracterizar o novo modelo. Esta avaliação será indispensável para